

# Será o fim da História?

Rosa Maria Godoy Silveira<sup>\*</sup>

Fukuyama e o sistema capitalista “decretaram” o “fim da história”. Como se tal coisa fosse possível, fazê-lo por voluntarismo.

A tese desse nipo-americano, cientista político e consultor da Rand Corporation e ex-funcionário do Departamento de Estado do Governo estadunidense (as referências são essenciais ao raciocínio), em sua obra “O Fim da História e o Último Homem”: com a derrocada dos regimes socialistas do Leste Europeu, a ordem capitalista se impõe universalmente, a democracia liberal “é a única fonte de legitimidade no mundo moderno”, constituindo-se estágio supremo da civilização. Escorada em amplo esquema de divulgação nos meios de comunicação, a “tese” se mistifica em “verdade científica”.

Como a pós-modernidade que a engendrou, essa pós-modernidade do sistema, o argumento não resiste ao confronto com a realidade e “se desmancha no ar”, exatamente porque lhe falta a concretude histórica. Porque a concepção de História que lhe é subjacente, reitera a linearidade positivista, do progresso contínuo da humanidade, isento de contradições. Isso é o que Fukuyama, os grandes conglomerados capitalistas (multinacionais) e os seus ideólogos (e aí, mais eficientes do que todos, os meios de comunicação) querem que aconteça.

A ideologia, enquanto visão de mundo deformada sobre a realidade, isto é, enquanto representação que certos grupos sociais - no caso hegemônicos - elaboram a partir de interesses concretos (manter a hegemonia e expandí-la),

---

<sup>\*</sup> Professora do Departamento de História da UFPB/Pró-Reitora de Pesquisa e Pós-Graduação (PRPG).

acaba não só imposta aos grupos subalternos mas se introjeta também em quem a elabora. De forma que, ao quererem fazer passar por verdade a sua representação particularista, classista, acabam os seus agentes acreditando que esta seja a verdade.

Ora, é preciso lembrar que a dimensão orgânica da história é o tempo, enquanto dialética, movimento, transformação, uma espécie de “perpétua gestação”. Tempo não cronológico, mas social, que a historiografia já demonstrou não ser homogêneo e ter ritmos diversos, das estruturas mais persistentes e mais lentas nas mudanças, a movimentos mais rápidos no interior das estruturas (as chamadas conjunturas), até o tempo curto, imediato, cotidiano dos acontecimentos.

Nada disso parece contar para os ideólogos do “fim da história”. Na sua representação da sociedade contemporânea, o tempo se prolonga e é destituído de movimento. É o tempo capitalista, em sua voracidade acumulativa, que quer apropriar-se dos tempos diferenciados e específicos, das várias formações sociais. Assim como se fabricam mercadorias em série, uniformizadas, fabrica-se o tempo padronizado, unificado e homogeneizado pela mundialização do mercado. Fukuyama deve ter sido um péssimo aluno de história e um excelente funcionário do Governo norte-americano, pois captou-lhe a planejada estratégia de hegemonia e deu-lhe forma discursiva.

Há, certamente, em seu raciocínio, um argumento sedutor, com uma certa dose de veracidade, e que confunde os que só sabem o que acontece, através da televisão. Milhões de pessoas no mundo, que sequer suspeitam “como se fabricam notícias” e que a história tem força subterrâneas aos fatos. Tal argumento é a concreta falência do socialismo real que, por uma grosseira manipulação ideológica, é veiculado de forma reducionista: a morte do socialismo.

Que a desintegração dos assim chamados regimes socialistas do Leste Europeu foi avassaladora, não há dúvida. Aturdiu. Deixou inconsoláveis e órfãos aqueles que

substituíram a religião pela “fé” marxista-leninista, encarada dogmaticamente como uma verdade infalível e também um estágio supremo da civilização. Nada mais parecido com o “fim da história”, mudando-se o conteúdo da ordem social desejada como finalística (se capitalista ou socialista). Nada tão antidialético e antimarxista, se descermos a fundo na obra de Marx em seu método de conhecimento. Dizer isso hoje é até escandaloso, porque as pessoas, inclusive os ex-marxistas “religiosos” estão correndo do marxismo como o diabo da cruz.

Se ruíu o “socialismo real”, tanto melhor. Desnuda-se uma experiência que teve muito avanços sociais (a menos que alguém ache melhor a autocracia czarista da Rússia Imperial), mas ainda distante esteve de configurar-se como uma sociedade socialista enquanto organização social igualitária e sem exploração dos homens uns sobre os outros. A queda do Muro de Berlim simboliza uma outra questão fundamental: a relação necessária entre socialismo e democracia, sem a qual o primeiro não pode constituir-se. A liberdade é pressuposto da igualdade e vice-versa, em um processo interativo substancial.

Por outro lado, o que se seguiu ao “furação do Leste”, mostra, mais do que nunca, que a história está cada vez mais viva. Mais acelerada também, como as épocas de transição costumam sê-lo. São estruturas que se revolvem, valores que mudam, paradigmas que se esgotam. Não só do lado de lá, no Leste. Quando o tempo decantar (nada como o tempo, diz o ditado) os fatos imediatos, muita coisa virá à tona. Inclusive, talvez a compreensão de que esse extraordinário “bouleversement” (em tradução livre, histórica, reviravolta) não sejam manifestações da pesada estrutura da velha Rússia, que setenta e poucos anos de “socialismo real” - um grão de areia no deserto, em matéria de sedimentação histórica -, não deram conta de remover, a exemplo dos nacionalismos ora em explosão. Se é que é possível removê-los.

A história não está escrita por antecipação, à la Fukuyama. Dizer categoricamente que o Leste caminha para uma economia de mercado, é correr risco de irresponsabilidade. Mesmo todo este cenário no horizonte próximo, em perspectiva de curto-médio alcance, é difícil prognosticar como repercutirá uma economia de mercado, no patamar atual do capitalismo transnacionalizado, sobre formações sociais até então experimentadas em políticas sociais, com grande marca de socialização. Como incidirá a economia de mercado, intrinsecamente acumuladora e expropriadora, sobre indivíduos usufrutuários de condições de saúde e educação, que podem ser destituídos disso, sobretudo considerando-se a difícil situação econômico-financeira dos países do Leste? Que combinações serão possíveis, concretamente, entre a economia de mercado, homogeneizadora em decorrência do movimento concentrador do capital, e os vários particularismos nacionais em que se está estilhaçando a Europa Oriental? Há evidências a demonstrar que o processo é bastante complexo, bem mais do que desejariam aqueles que sonham com a universalização da ordem capitalista. O caso polonês é exemplar, o próprio caso da Alemanha unificada politicamente mas cindida socialmente (alemães ocidentais - cidadãos de 1ª classe; alemães orientais - cidadãos de 2ª classe).

Do lado ocidental, a conturbação não é menor, portanto. Em um mercado onde as estratégias e jogos de hegemonia são globais, quando se mexe em uma peça, o ato repercute em todo o tabuleiro imbricado e intrincado da ordem internacional.

Na Europa Ocidental, cujo projeto, alimentado desde o término da 2ª Guerra Mundial, é a unificação (do mercado, da ordem burguesa), a cobra anda mordendo quem a criou. Em palavras mais claras: o mesmo processo, de constituição de uma ordem capitalista altamente desenvolvida, assentada em uma cidadania bastante ampla, engendrou suas próprias contradições. Atraiu trabalhadores imigrantes de

países do terceiro Mundo, com a perspectiva de salários melhores do que em seus países de origem, mas provocou movimentos racistas e xenófobos, numa tendência de direitização conservadora. Na outra ponta, a outorga de cidadania elevou as condições de vida de sua própria classe trabalhadora, com conseqüentes movimentos (direitos humanos, ecologia, etc.) no sentido de alargar a democratização da sociedade. Em que lado a corda roerá?

Outro ingrediente explosivo é o próprio conjunto das forças unificadoras com as seculares forças particularistas, aqui em sentido diferente do Leste, não nacionalidades étnico-culturais, mas *Estados nacionais*. São dois patamares distintos do processo de concentração do capital: a transnacionalização (vetor mais atualizado do sistema) e a nacionalização (vetor da formação do capitalismo em sua etapa liberal). Essa polaridade não só coloca Estados contra Estados (uns mais pró-unificação do que outros, posto que já mais transnacionalizados), mas se reproduz no interior de cada Estado nacional.

Neste jogo, a Alemanha desempenha um papel decisivo. Por sua pujança econômica, pela habilidade de sua aproximação com o Leste, o que lhe acena com a possibilidade de novas áreas de influência, que a desmilitarização havia lhe subtraído, depois da 2ª Guerra Mundial. E também porque é co-parceira, juntamente com Japão, dos Estados Unidos, no sistema mundial de hegemonia. Como o Japão, sem o ônus do ostensivo "policiamento do mundo". A sua contraface, no entanto, é a questão interna pós-unificação: a mais consolidada social-democracia, entre as grandes potências, dá sinais de que o barco faz alguma água. As recentíssimas greves, o alto índice de desemprego e um certo deslocamento de capitais do exterior, para aplicação interna, podem implicar em restringir suas áreas de influência em nível internacional.

Orientalmente, o Japão espreita. E age. O seu impressionante desenvolvimento o coloca no topo da divisão

internacional do poder, faltando-lhe, porém, à semelhança da Alemanha, uma retaguarda militar. Utilizando uma estratégia nitidamente econômica, tem “capacidade de fogo” (capital) capaz de ir minando por dentro até a economia norte-americana, mas a desmilitarização é o seu limite no confronto que o expansionismo mais agressivo (e desejável aos japoneses) implicaria, não só em relação aos países-alvo mas com os Estados Unidos. Então, seu jogo é de dissimulação: diplomaticamente, aceita certas “recomendações” dos USA ou dos países da Europa Ocidental para conter seu avanço sobre os mercados desses países, enquanto continua a fazê-lo. Sua indústria continua a desenvolver sofisticadíssimas tecnologias de ponta e seu Governo continua mantendo políticas comerciais e cambiais lesivas aos interesses norte-americanos, o que significa pontos de tensão no interior do bloco hegemônico. Neste momento, a sua política anti-recessiva promete perspectiva de novas mudanças estruturais-tecnológicas, o que, se concretizando, aqueceria a disputa de mercados entre as grandes potências.

Ainda na Ásia, os decantados “Tigres asiáticos” (Coreia do Sul, Taiwan, Tailândia), tomados como referenciais de desenvolvimento por alguns dos nossos políticos tupiniquins, parecem ser tigres de papel. Não representam ameaça ao Grupo dos 7, pois são suas coadjuvantes como potências intermediárias de apoio privilegiado, novas zonas de industrialização orientadas por grandes conglomerados ocidentais e japoneses associados a burguesias nacionais. Se estas, durante certo tempo, desfrutaram de um certo protecionismo nacionalista, que lhes permitiu atingirem altos índices de crescimento econômico, a liberalização dos seus respectivos mercados internos vem demonstrando sinais negativos, expressos nas suas balanças comerciais. A isso se somam os efeitos sociais dos modelos de crescimento acelerado, baseado em uma política brutalmente expropriadora dos trabalhadores, provocando manifestações

sociais bastante violentas, o que reflete, por sua vez no padrão do crescimento.

E o Terceiro Mundo, onde fica?

Se não no mesmo lugar, em pior.

Embora as várias formações sociais da África, Ásia e América Latina se diferenciam no sistema hierarquizado internacional, excetuando-se os vários países de apoio privilegiado dos imperialismos hegemônicos, globalmente pode-se dizer que estão no último degrau da hierarquia, cada vez mais atrelados à ordem capitalista pelos usuais mecanismos de endividamento externo, de transferência de valor para as potências centrais, de desigualdades no tocante à remuneração das respectivas forças de trabalho, o que, em síntese, são aspectos articulados. As “soluções” sugeridas pelas grandes potências, para a saída da crise nessa área, têm-nas enredado ainda mais ao capital transnacional... Recessivas, lançam milhões de pessoas no desemprego e no subemprego, basta refletirmos sobre exemplos próximos (Argentina, Peru, Brasil). Se, em alguns casos (México, Argentina), conjunturalmente o quadro crítico se desafoga, a perspectiva estrutural é a detonação de contradições agudas. Alargamento da miséria, violência social, atrofiamento do mercado interno, quase ruptura do tecido social e volta à “barbárie”. O modelo não mudou a substância, alterou a forma: do militarismo à redemocratização, os vários países do Terceiro Mundo se transnacionalizam e perdem suas identidades históricas. Pergunta-se: É possível concretizar sociedades democráticas (ainda que nos limites liberais) em cima desse barril de pólvora? de milhões de pessoas miseráveis? Fukuyama ao menos teve a “inteligência” de perceber a diferença entre “países civilizados” e o “mundo da barbárie” (o Terceiro Mundo, evidentemente). Para os primeiros, o nirvana, isto é, a história em repouso. Para os outros, segundo ele a história continua, até chegar um dia - quem sabe? - ao paraíso, capitalista, é claro. Volta-se à linearidade, ao evolucionismo, ao

etapismo, mesmo que a realidade já tenha apontado as incoerências dessas concepções.

A incógnita do Oriente Médio. Outra prova de que a história não se acaba e é uma obra sempre em aberto. Quando se dava sólido o imperialismo na região, controlando riquíssimas fontes de petróleo, estratégicas ao processo de reprodução do capital; quando, nos seus países, a perspectiva de uma revolução socialista era nula, Khomeini inaugura o inusitado, que aturdiu a racionalidade ocidental - o fundamentalismo islâmico. A demonstrar que o encanto da história (embora possamos não achar encanto nenhum no acontecimento) é justamente a possibilidade de se retomar um elemento considerado "tempo sedimentado" no processo social e revitalizá-lo com outros conteúdos dos novos tempos. Parafraçando Lavoisier, "Na história nada se cria, nada se destrói, tudo se transforma". A expansão geopolítica do islamismo, se estendendo para além do Oriente Médio - como na CEI, em suas repúblicas asiáticas - também lança à reflexão o desgaste de certos esquemas econômico-políticos imperialistas, apontado a importância de movimentos culturais, no sentido antropológico-histórico... Difícilmente perceptíveis aos olhos de quem detém a hegemonia, pois o dominador não costuma enxergar o dominado.

Como diz Belluzzo (Isto É, 31/07/91), a integração mundial busca globalizar uma identidade sistêmica, mas esta é abstrata, ao passo que a integração social é construída na história. O nacionalismos, que a expansão islâmica exemplifica, podem ser expressões da defesa dos povos e países, buscando preservar a identidade sócio-cultural esgarçada pelo tempo homogeneizador sistêmico.

De modo que o "nó árabe" continua incomodando o imperialismo. Parece haver, de parte dos dirigentes islâmicos, uma percepção do valor de seus territórios na ordem internacional e a religião, politizada e fanatizada por seus líderes, tem-se mostrado um elemento de coesão não só das massas internamente, mas também se transnacionalizando

sobre as fronteiras políticas. Em última instância, como resposta à hegemonia externa e controle das populações miseráveis contra uma saída “revolucionária”. Um anteparo duplo. Por outro lado, o limite de uma turbulência árabe na ordem mundial esbarra no seu próprio divisionismo, de raízes geo-políticas e religiosas. É com isso que joga o imperialismo, como ficou demonstrado na guerra contra o Iraque, além de contar com o gerenciamento israelense da região (xerife auxiliar). De qualquer maneira, mais um barril de pólvora para o sistema. Aliás, de petróleo inflamável aos milhões.

Finalmente, há que se falar do “xerife do mundo” - os Estados Unidos. Se o conflito Leste-Oeste parece ter-lhe dado trégua (difícil prever se acabou), a sua configuração como potência detentora da hegemonia mundial, por todo o quadro que descrevemos, aponta-lhe novos conflitos. No interior do Grupo dos 7, decorrente das disputas de mercados e zonas de influência. No Oriente Médio e no Terceiro Mundo, conseqüentes às ações yankees para preservar a ordem capitalista. O custo dessas operações (extremamente alto para os americanos), parece-nos enganoso pensar que a formação da Comunidade Européia, por se orientar pelo mesmo modelo, retira os Estados Unidos do Velho Continente. Primeiro, porque, do ponto de vista econômico, se trata da área demográfica, cultural e política mais favorável à reprodução ampliada do capital. Tanto que 70% dos investimentos do FMI lá estão, ou em território americano. Segundo: a situação do Leste não só está indefinida como é explosiva e se desenha um novo mapa geo-político, implicando em rearticulações de poder. Terceiro: enquanto confronto de ideologia e projetos diferenciados de sociedade, o confronto Leste-Oeste desnudou-se aos próprios países hegemônicos, internalizou-se em suas fronteiras, pois o Terceiro Mundo, e agora o Leste, literalmente estão entrando no 1º Mundo, corporificados nos trabalhadores imigrantes, a denunciarem, sob nova forma, a velha questão da luta de

classes, ao se constituírem em evidências de desigualdades sociais no interior das sociedades ditas democráticas.

Aquilo que se mascarou durante décadas, a “sujeira debaixo do tapete” da sala, mediante uma luta contra o inimigo externo - o mundo comunista - , não tem mais eficácia de manipulação. De um lado, o “inimigo” desabou, de outro, agora o “inimigo” está dentro de casa, esses imigrantes que “roubam empregos dos nacionais” e geram problemas sociais e reivindicações de que o Estado, e sua transnacionalização, procura se desobrigar. Ora, que dizer dos protestos ecológicos contra um padrão de expropriação do ecossistema, se não entendê-los como uma crítica do modelo de desenvolvimento que o sustenta? Que dizer do quebra-quebra de Los Angeles, se não a evidência de um desenvolvimento socialmente discriminatório? Não dá mais para negar.

No Terceiro Mundo, o policiamento da ordem burguesa custa aparatos militares e financiamentos aos Governos prepostos do capitalismo, nem sempre, por suas características internas, pagos com a mesma e eficiente lógica da racionalidade capitalista presente no 1º Mundo. Custa o aprofundamento da dependência, pago pela miséria dos trabalhadores desses países. Os Estados Unidos tentam apertar os cordéis, sobretudo na América Latina, utilizando mecanismos diversos, desde a pressão para liberalização de mercados nacionais, enquanto mantém sua política protecionista, até as tentativas de criar um mercado integrado ( em viabilização com o México e Canadá), contraponto da CEE. Quando as ações “negociadas” falham, a força entra em ação: do embargo econômico (Iraque, Líbia, afora Cuba) às intervenções militares. Para a consolidação dessa ordem transnacionalizada, os interesses capitalistas estão forjando um novo princípio, substituindo aquele da “autodeterminação dos povos”.

E depois de tudo isso, Fukuyama ainda diz que é o fim da história? Só tendo olhos miúdos, de quem não quer ver.

Às vésperas do século XXI, a história está em recomeço, embora sempre se transforme do tempo anterior. Hoje, a humanidade está em uma encruzilhada, um ponto de inflexão entre dois projetos de estruturação da ordem internacional. O primeiro projeto é este da manutenção e preservação do sistema capitalista, tendo por eixo a transnacionalização, e que vem sendo construído com mais evidência desde a crise do final dos anos sessenta/inícios da década seguinte. O segundo projeto é filho do primeiro, gestado nas suas contradições, que apontam para a necessidade de construir uma ordem internacional solidária e fraterna com a natureza e entre os próprios seres humanos. Seja lá que nome tenha - o rótulo é o que menos importa - trata-se de manter a utopia de um mundo melhor e lutar por sua concretização. Pois por mais que mistifiquem, por mais que ao longo da história tenham tentado criar "paraísos" dos privilegiados e dos exploradores e deter o tempo, este é implacável: é possível o paraíso (capitalista, no caso) suspender a história, se a fogueira do inferno da miséria está em suas entranhas? Por mais que coloquem grades, trincos, ferrolhos neste inferno, é possível deter o fogo da vida?